



# O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO  
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO  
GRANDE DO SUL

## Bicentenário de Sampaio

Ano 2010

Nº 98

### GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA: UMA RESPOSTA ÀS CRÍTICAS

- Monografia da ECEME -

#### INTRODUÇÃO

Mais do que certo é criticar-se a injustiça e condenar -se a crueldade. Mas fazê-lo contra seus próprios ancestrais para endeusar o inimigo de ontem é traição. E tanto maior, quanto mais se esconde a culpa dos outros com o exagero dos nossos pecados, como faz Júlio José Chiavenatto no livro "Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai."

Na síntese biográfica que dele consta na última página, dever-se-ia acrescentar: "com a presente obra, definiu-se como o maior inimigo do país em que nasceu".

Porque tudo que importa na Ética é não transgredir os limites impostos pela lealdade, ou melhor, pelas lealdades a que se está sujeito na vida. Lealdade à pátria, lealdade à família, lealdade às crenças, aos compromissos e aos valores que a sociedade impõe no código invisível inscrito nas consciências dos indivíduos.

Divergir, protestar, discutir e mesmo insurgir-se pode ser lícito e até louvável e, em certos casos, prova de coragem moral, quando os parâmetros do sagrado e do intocável não tenham sido violados. Se, no entanto, a crítica se transforma em injúria, calúnia, em desrespeito aos grandes vultos do passado, entronizados no altar da Glória Nacional, seus autores entram para a História com a triste celebridade dos "judas iscarotes", dos "calabares", dos "silverios dos reis" e, agora, dos "chiavenattos" da vida. E, em troca de trinta dinheiros ou da popularidade que conseguem angariar, se sujeitam a carregar, pela eternidade, o estigma abjeto de sua traição.

Em tempos de ebulição social, como os em que se vive hoje, teme-se, às vezes, perder a noção desses limites no torvelinho das paixões em luta.

Não faz muito, a derrocada de antigos ídolos e decantados mitos do Mundo Comunista, diante do vendaval da "perestroika", aturdia o Ocidente. Mudanças assim, repentinas e radicais naquela estrutura, aparentemente sólida, suscitavam dúvidas, elogios e denúncias. Só agora se percebe que tudo não foi mais que o triunfo do bom senso, o raiar da liberdade e o início de tempos mais felizes para aqueles povos.

E o maior respeito à dignidade humana que lá se acrescenta não terá vindo, com certeza, em detrimento de padrões éticos vigorantes, quando, segundo se sabe, resultam do espontâneo despertar das consciências, há muito silenciadas pelo terror. Mas Chiavenatto não tem apreço a semelhantes causas, porquanto é contrário à liberdade. Ao invés disso, consagra ele a tirania como ideal político e instrumento único para implantar -se a igualdade e eliminar-se o privilégio, erigindo o Paraguai dos López em magistral paradigma de sua esdrúxula tese.

E é nesse livro que, sob a orientação da Igreja progressista e de outros focos de subversão das tradições e dos valores nacionais, as crianças de São Paulo, Minas, Paraná, Rio Grande do Sul e outros estados estão aprendendo a História do Brasil!

Claro que, para incutir nos jovens idéias tão absurdas, seria necessário distorcer e falsear a realidade vivida pelos nossos sofridos e heróicos antepassados naquele cruento conflito, que constituiu, no Continente Sul-Americano, a maior epopéia de que se tem memória.

E não só distorcer os fatos, como, de modo torpe e insidioso, inventar mentiras e difundir meias verdades, sempre mais difíceis de serem desfeitas nas mentes ingênuas dos jovens e dos ignorantes. De pouco têm valido, contudo, os notórios méritos desse brilhante trabalho diante da conspiração vermelha que lhe impede o acesso à juventude. Pois, em contraste com a decadência do Marxismo no Velho Mundo, vê-se seu crescimento entre os latino-americanos.

Antes, as pessoas aqui timidamente se confessavam comunistas; hoje, se declaram com orgulho e paixão. Sobretudo os professores, os artistas, os líderes operários, os padres e grande parte dos políticos. Em tudo se assiste, impassivelmente, à sementeira do Marxismo retrógrado, que já infelicitou tanta gente do outro lado do planeta. Como esperar, então, que o livro resposta do Major Anatólio Alves de Assis venha a ser lido pelas crianças em nossas escolas dirigidas por mestres comunistas?

Sejamos realistas e práticos, como convém a bons soldados. A resposta às difamações e calúnias desses maus brasileiros só poderá ser ouvida pela Nação Brasileira se bradada pelas Forças Armadas, com veemência e indignação expressas em atos públicos, em providências objetivas, com repercussão nacional, capazes de redimir e enaltecer a memória dos dignos e valorosos soldados que nos precederam na relevante e nobre missão de defender a integridade e a honra da Pátria. Responder às principais críticas e acusações ao Brasil e propor medidas para aumentar a ressonância da resposta e a formulação desse protesto, constituem os objetivos do presente trabalho.

### **A GUERRA E A ÉTICA**

*"Um oficial brasileiro morre mas não abate sua espada diante do inimigo". José Luiz Menna Barreto.*

**AS MENTALIDADES** - Subsistir e procriar são fatalidades que a natureza animal impõe ao homem. Lutar e amar são escolhas que sua inteligência e seu espírito superiores lhe oferecem. Pode-se simplesmente vegetar na rotina das contingências biológicas, ou, então, viver, num ímpeto de nobreza, que a singularidade e a perfeição do ser humano justificam. Pode-se rastejar a vida toda, como um réptil desprezível, na escuridão covarde do anonimato, ou - tal qual as águias - galgar as nuvens, desafiando o perigo, em busca da glória. Mas não há como conciliar mentalidades tão divergentes e antagônicas. Uns elegem a prudência para fundamento ético; outros, a coragem. Para aqueles - que ao longo dos tempos têm sido qualificados de céticos, pragmáticos ou utilitaristas - a coragem ou é ameaça, ou é loucura, ou ambas as coisas. Para estes, chamados ora de estóicos, ora de românticos, ora de idealistas, a coragem é a virtude maior do homem, pois, sem ela, nenhuma outra pode existir. Vivem lado a lado, mas em mundos diferentes, procurando predominar na Sociedade e, através dela, que decreta o Bem e o Mal, impor seus pontos de vista. Honra, dignidade, nobreza, lealdade, são valores que o idealismo exalta: hipocrisia, avidez, traição e covardia, práticas utilitárias rotineiras. Sob o maquiavélico pretexto de que *"os fins justificam os meios"*, os sectários do útil absolvem pecados e relevam crimes, livrando-se dos grilhões da moralidade e avantajando-se na disputa pelo Poder, que só muito raramente lhes foge das mãos. E, por terem de submeter-se a isso, é que tanto se atormentam e desesperam os povos, como já proclamava o Poeta, ao dizer que *"o fraco rei faz fraca a forte gente"*.

**O IDEALISMO** - Em contraste, porém, com o que se diz, a hegemonia utilitária não constitui sina irremediável, nem fatídico infortúnio da raça humana. Nos primórdios da criação, o "beau sauvage" de Rousseau - virgem das perversões da carne e impregnado da ingênua índole provinda de Deus - aceitava com prazer a obrigação viril de garantir caça abundante à sua grei, repelindo com intrepidez a cobiça estranha, como dão provas as toscas gravações rupestres comemorativas de triunfos que a Arqueologia registra. O gosto pelo perigo, que a luta constante desenvolve, sobrepõe-se ao medo, reduz o egoísmo, cria a nobreza e semeia o idealismo.

**O UTILITARISMO** - Ao longo de milênios que se arrastaram depois desse remoto antepassado, nada alterou o costume de que todo macho, por natureza, era um guerreiro... E, no ânimo selvagem do

homem primitivo, esse pesado ônus constituía, não só honroso privilégio, como másculo e agradável divertimento. E assim foram as regras enquanto a dependência da caça obrigou à vida nômade.

Com o advento da Agricultura, fixando o homem à terra e propiciando o surgimento do Comércio, das Artes, das Letras e das Religiões, novos papéis se outorgaram ao varão na Sociedade, facultando-se-lhe substituir a espada pelo arado, pelo altar, pelas tábuas, pelo palco e, em consequência, prolongar a vida. A luta, ao invés de nobre prerrogativa masculina, se tornava caminho impositivo para a escória faminta ou recurso extremo da sociedade agredida. Alguns, raros, apreciavam o estilo de vida rude e aventureiro dos antigos. A civilização afeminava e enfraquecia os povos que, por isso, se viam dominados pelas hordas bárbaras, ainda afeitas aos velhos hábitos guerreiros.

**A CONVIVÊNCIA** - No marasmo da Idade Média que sobreveio a isso, a instituição da Cavalaria e a moda dos exércitos profissionais concentraram nos ombros de uns poucos a atividade militar, imprimindo-lhe características mais próximas do jogo que da luta de vida e morte. Malgrado, porém, tal circunstância, era de consenso que, mesmo de reduzida monta, o risco implícito desse tipo de vida conferia nobreza a quem o abraçasse. A Agricultura, as Artes, o Comércio e a Burocracia eram trabalhos de gentilha. As classes sociais se definiam, assim, com maior profundidade, em vista do apreço ou da aversão aos perigos da guerra.

**A REPÚBLICA** - Com Napoleão, ressurgia a tradição do povo em armas da vida tribal, com ímpeto acrescido das forças da máquina e da técnica modernas. O entusiasmo, gerado pela ideologia da "Liberdade, Igualdade e Fraternidade", sufocava o medo de morrer e santificava as recíprocas matanças, pela grandeza das causas envolvidas. O orgulho nacional explodia de mil formas, que arrebatavam espíritos e consciências, impondo-lhes novos valores e candentes ideais para substituir mofadas práticas utilitárias. A força dos ideais comuns, aglutinando os espíritos, voltava a presidir a guerra e a vida social, num mundo que crescera por conta dos milagres utilitários. . .

Surgiram os ideais republicanos que, no entanto, só chegaram ao Brasil um século depois, já sem o viço das novidades, sem a vibração das grandes conquistas; como um fruto maduro que despenca e logo cai de moda.

**O PATRIOTISMO** - A independência das colônias ibéricas, no começo do século XIX, preservara-as bastante do contágio dessas idéias, conservando o Continente Sul-Americano, cem anos ainda, em padrões setecentistas.

Os relevantes encargos militares que a vastidão do Império demandava estavam distribuídos, seguindo o figurino feudal, a uma Esquadra antiquada, um Exército de Linha diminuto e à Guarda Nacional, composta de elementos mobilizados pelos barões do Sertão. A Segurança Nacional repousava, antes no respeito que o gigantismo do país pudesse inspirar, que em forças militares capazes de garanti-la pelas armas. Era uma política utilitária que visava economizar recursos do Estado em setores de "menor importância".

O Paraguai preparara-se com antecedência. Disponha de forças regulares aguerridas e bem providas. López trouxera de volta a seu povo os instintos ancestrais adormecidos. O grito de guerra ecoava em seus corações, incitando-os à luta, num apelo mágico e irresistível. Atacaram-nos. Invadiram o Mato Grosso. Devastaram o Rio Grande. Humilharam o Império. Era preciso reagir à afronta que lançavam ao Brasil e a cada brasileiro - branco, preto, livre, escravo, rico ou pobre.

A herança bárbara remanescente afluía como ira incontida, clamando por vingança. De repente, os idealistas se multiplicavam e os utilitários renitentes abrandavam a propaganda da acomodação e da covardia. Batalhões e mais batalhões de Voluntários da Pátria acorriam às fronteiras do Sul, engrossando nossas fileiras. Eram todos recrutas mal preparados e pior equipados. Mas os perigos e vicissitudes da guerra os ensinariam a lutar e a descobrir os caminhos da renúncia, da grandeza e da vitória. Ensinar-lhes-iam, também que os dez mandamentos só vigoram em tempo de paz e que, nos campos de batalha, as virtudes são o avesso deles. Que o primeiro dever do soldado é a obediência e não lhe cabe discutir a política do Governo, nem duvidar da justiça das razões que o levaram a lutar pela Pátria, mas sim cumprir rigorosamente as ordens de seus chefes, ainda que lhe custe a vida. E, se isso é verdade, se o dever do soldado é lutar até o fim, nós soubemos honrá-lo.

Pode-se deplorar o resultado, mas deve-se reverenciar o heróismo. Não fôssemos tantos, nem tão leais e valorosos e teríamos sido, igualmente, exterminados.

### **A HISTÓRIA E A PÁTRIA**

**A EPOPEIA** - A vida de um povo é muito mais que simples relatório ou narrativa fria de episódios encadeados. Ela transcende ao vernáculo e às idéias comuns de vivência ou testemunho para integrar-se em algo mais complexo e permanente que é a Pátria. São as nossas raízes fincadas no passado. A tradição que vem de longe, de mistura com fatos marcantes, sempre lembrados. A realidade crua que se veste com o manto magnífico da lenda... O maravilhoso que surge das sombras para criar o mito. São os arquivos, os museus, os monumentos e, também, as formidáveis epopéias, em que os poetas celebram grandes vultos ancestrais, transformados em heróis no Olimpo da nossa gratidão eterna.

É a evocação do grandioso, do nobre, do meritório; a exaltação da Virtude; o elogio da Justiça; o culto à Beleza e o desprezo pelo sombrio, pelo melancólico...

É a temeridade dos Bandeirantes, o patriotismo nascente de Guararapes, a expulsão sangrenta dos franceses, a árdua conquista do Rio Grande, o martírio de Tiradentes, o sacrifício de Zumbi, a pacificação dos Farrapos e a vitória sobre López. Fatos decantados em vibrantes estrofes que a tradição secular inscreveu nas consciências de sucessivas gerações e já se tornaram parte da alma brasileira, entranhando-se em nossa personalidade, como o idioma herdado dos portugueses e a pele trigueira da influência africana. Não há mais como arrancá-los de nós. Passaram a ser questão de fé, como as religiões e as ideologias. E, no fervor com que se evocam tão memoráveis e honrosos feitos, nossas almas se reportam a um fictício passado de si mesmas e se comprazem - num transe místico e fantástico - de sentirem-se participantes dos episódios revividos.

Mais que esperança de melhor futuro, o orgulho que advém desses gloriosos tempos nos anima e estimula a trabalhar e a lutar pela grandeza do portentoso país a que tanto amamos.

**A PERFÍDIA** - Surge agora, porém, quem, erigindo-se em arauto da verdade, ouse denunciar antigos ídolos e patronos venerados, gente do maior valor e da mais justa fama, por imaginárias culpas de crimes nefandos, no torpe e vão intento de macular-lhes a memória augusta e induzir os brasileiros a negar-lhes o culto merecido e consagrado.

Curioso zelo esse, tão repentino, de resgatar dívidas morais supostas com a moeda fácil da calúnia! Estranho vezo de perquirir remotas tramas, de exumar intrigas mortas e atizar as chamas de adormecidos rancores! Em vez de festejar o ruidoso reboliço da alegria de viver, se rejubilam com carpir velhas mágoas aos compassos soturnos dos funerais. Visão acanhada, espírito mesquinho, não lhes acode que só fica para o futuro o que merece ser lembrado. O mais que se passa nas entrelinhas da banalidade, perde-se no bolor do esquecimento ou no lixo das imundícies sociais. Todavia - que ninguém se iluda! - o amor à Verdade que alardeiam não é mais que vil disfarce do fanatismo desvairado que os domina. Não é a dúvida sistemática e indagadora de um Sócrates, muito menos o rigor do método científico de um Bacon, senão o interesse solerte de reescrever a História do Brasil com outras tintas; o desejo maquiavélico de entronizar no altar da Pátria os criminosos e os traidores de ainda há pouco. E, em sua fúria iconoclasta, reduzir à cinzas nosso passado de glórias, para, sobre elas, erigir o "**paraíso**" comunista e instituir, entre nós, o dogmatismo e o ódio como praxe política e forma de viver. Evangelistas do mal, seu credo é a ira implacável, e seu breviário, a intimidação e o escândalo. Esquecem que fazer escândalo não é fazer história...

**O TESTEMUNHO** - História é o que fazem os grandes homens com seu talento, sua virtude, sua nobreza - como luzeiros a demarcar no infinito o caminho por todos percorrido. Fizeram história sim, e muito bem, aqueles incontáveis bravos, há mais de século, no coração do Continente, com o sangue que derramaram e o sacrifício que arrostaram. E, melhor que ninguém, alguns dos que voltaram souberam contá-la, em refulgentes páginas que registram seu valioso testemunho.

Os melhores exemplos dessa afirmação são encontrados em *Reminiscências da Campanha do Paraguai*, do Gen Dionísio Cerqueira; *A Retirada da Laguna e Diário do Exército*, do Visconde de Taunay, e *"A Campanha Lopez-guaya"*, do Gen Mário Barretto. Testemunho que valoriza o julgamento ao medir e avaliar, na própria carne, o mérito e a desgraça. Muita petulância e grande iniquidade é,

portanto, pretender desmentir, aqui de longe, cem anos depois, tão fidedignas memórias. E, pior ainda que desmentí-las, é contestar-lhes a lisura, a grandeza e o critério, quando ali se enaltece, com igual veemência, a estóica resignação da Laguna e a bravura indómita de Itororó; a audácia sem par de Riachuelo e a resistência inquebrantável de Tuiuti; e, sem ver a cor da farda, louva-se a coragem de todos os valentes e deplora-se a tibieza de qualquer covarde.

E, afinal, quem melhor que os próprios soldados para descrever as guerras? A experiência os ensina a encontrar adjetivos que lhes suavizem as derrotas e lhes engrandecem os triunfos, mas a devoção com que cultuam a Honra os impede de falsear o acontecido.

**A SOLIDARIEDADE** - Seria, contudo, demasiado pedir-lhes que rompessem o sagrado compromisso de tratar com afeição os irmãos de armas, no momento de criticar-lhes a conduta diante do inimigo. O respeito à Verdade que deles se espera, não pode confundir-se com traição. Ressalvados o crime e a infâmia, a camaradagem recomenda-lhes absolver, externamente, os companheiros. Ou, se não isso, pelo menos vê-los com a condescendência de irmãos. Em homenagem a tudo que fizeram pela Pátria, diga-se, entretanto, que não careceu à Ética silenciá-los jamais, pois nenhum labéu havia que disfarçar, nem vergonha alguma se precisava esconder. E para encerrar seus magistrais escritos teriam vindo bem a propósito, num preito reverente à nossa origem, estes versos imortais do nosso idioma:

*"Ouvi que não vereis com vãs façanhas.  
Fantásticas, fingidas, mentirosas,  
Louvar os vossos, como nas estranhas  
Musas, de engrandecer-se desejosas.  
As verdadeiras vossas são tamanhas  
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro  
E Orlando, inda que fora verdadeiro".*

CAMÕES, Luiz Vaz de. Os Lusíadas, Canto Primeiro, Estrofe 11.

## DENÚNCIAS E DESMENTIDOS

**O IMPERIALISMO** - Divulga-se, nos dias de hoje, que os ingleses foram os principais causadores da Guerra da Tríplice Aliança, ao verem colidir seu projeto imperialista de transformar o Paraguai em colônia econômica, com a intenção paraguaia de trilhar um caminho independente e nacionalista de desenvolvimento. Tal caminho teria origem na chamada "**revolução autônoma paraguaia**", vista como inédita experiência socialista instituída por José Gaspar Rodríguez de Francia, e continuada por Carlos António López e Francisco Solano López, antes, portanto, de Marx ter escrito "**O Capital**".

É fácil ver que o entusiasmo revisionista pela causa paraguaia se prende a esse passado. Justificam o maior interesse britânico com a perspectiva de proveitosos investimentos na área e a decorrente colocação de seus produtos comerciais. Alegam, também, a necessidade de a indústria inglesa substituir o algodão americano, que a Guerra de Secessão tornara escasso, pelo de origem paraguaia, não obstante a oposição de López. Julgam, ademais, muito provável que o Império Britânico pressentisse a ameaça da concorrência paraguaia. Entretanto, o exame de alguns fatos mais relevantes, bem como a análise da capacidade econômica do país, conduzem a outras conclusões.

Estivesse a Grã-Bretanha avidamente interessada na abertura do mercado paraguaio ao capital britânico, terminada a guerra, não havendo mais empecilhos, seus investimentos teriam aumentado grandemente. Por volta de 1880, no entanto, eles não passavam de 1,5 milhão de libras esterlinas, isto é, menos que 1% dos seus investimentos totais na América Latina. Na verdade, o Paraguai ocupava o 14º lugar nos investimentos britânicos na região.

Quando começou a guerra, em 1865, os britânicos já haviam obtido fontes alternativas de algodão, particularmente nas Índias Ocidentais, Egito e Brasil. Além disso, a capacidade econômica do Paraguai, a essa época, era muito limitada, representando menos de 3% do total das exportações do Brasil — longe, portanto, de se tornar o maior supridor mundial que a Grã-Bretanha pudesse estar procurando. A maior contestação ao argumento baseado na crise do algodão decorre de ações do

próprio López, que havia, de fato, se interessado em encontrar mercado para os produtos paraguaios, particularmente o algodão. Com esse intuito, enviou numerosas quantidades da variedade paraguaia à Europa, visando atrair o interesse de possíveis compradores. Em consequência, nenhuma base existe para afirmar que o Paraguai não pretendesse exportar seu algodão.

Quanto à desconfiança de um secreto ânimo imperialista brasileiro, o discurso revisionista e tendencioso e unilateral pois na medida em que enaltece o "**modelo paraguaio**", ignora a situação brasileira em 1864. Desconhece que o Brasil praticava um parlamentarismo moderno, com rodízio de partidos no poder. Não sabe que exportava café, algodão, cacau e que, já em 1850, possuía cinquenta fábricas com cinquenta e quatro mil operários. Ignora, também, que o Império dispunha de rodovias, ferrovias, navegação fluvial e marítima, estaleiros navais e do Banco do Brasil.

O Paraguai, de restritas elites, isolado, com menos de um milhão de habitantes, produtor de mate, algodão, madeiras, com uma ferrovia de cinquenta quilômetros e um navio por dia em seu porto, seria uma ameaça à economia do Brasil com seu vasto litoral, recursos inesgotáveis, elites políticas do mais alto padrão e população de oito milhões?

Depreende-se, em resumo, que seja qual for a ótica pela qual a acusação de imperialismo seja considerada, os fatos evidenciam que ela não possui o menor embasamento documental.

**AS CAUSAS** - Quais seriam então as verdadeiras causas do conflito? Pode-se enumerar uma série delas, pois, na verdade, houve antecedentes que remontam ao século XVI. Entretanto, o trabalho irá ater-se às causas mais recentes.

Embora os "lopistas" insistam em atribuir ao Império um vivo interesse expansionista, este já havia ultrapassado essa fase desde a Batalha do Passo do Rosário (1827), quando o Império desistiu da Cisplatina e a Argentina, das Províncias Unidas, nascendo, assim, a República Oriental do Uruguai.

Por que, então, teria havido as Campanhas de 51-52 e a intervenção em 1864? Eis aí uma das causas que pode ser considerada: o desequilíbrio. O Brasil não pretendia mais chegar ao Rio da Prata, porém, da mesma forma, não admitia que seu rival portenho dominasse suas duas margens. Essa ameaça estava presente nas alianças entre Uruguai e Argentina, nesse período.

O Paraguai, entretanto, isolado por longo tempo da convivência continental, desconfiava das intenções de Brasil e Argentina. E isso ficava patente nas palavras de López a Mitre em Yataity-Corá, após a Batalha de Tuiuti: "A guerra que movi contra o Brasil era pela crença de que o Império não se contentaria com a conquista do Uruguai e que sua dominação seria estendida a outros países vizinhos". O Desequilíbrio pode também ser alinhado como causa no campo militar. Era notório o descaso do Império pelo Exército, o qual estava totalmente despreparado e escasso em seus efetivos.

Ao início da guerra, o Brasil dispunha de vinte e um mil homens em armas e o Paraguai, setenta mil. A proporção era quase de um para quatro, o que contraria as versões revisionistas de "maciça superioridade brasileira", as quais visam a aumentar o mérito das ações paraguaias.

Diz George Thompson, conselheiro militar de López, a respeito desses acontecimentos: "Ele (López) tinha a idéia de que só uma guerra poderia tornar conhecido o Paraguai. Sua ambição pessoal impelia-o à luta, pois sabia que poderia chamar **às armas, imediatamente, todos os paraguaios e formar um numeroso exército, ao passo que os brasileiros precisavam de muito tempo para reforçar o seu. Julgava, ainda, que eles não estariam dispostos a sustentar uma guerra prolongada. "Dizia, de si para si, que se não se aproveitasse daquela conjuntura para apresentar guerra ao Brasil, este poderia fazê-lo em ocasião mais desfavorável para o Paraguai".**

**O ESCRAVAGISMO** - Costumam os revisionistas referir-se ao Brasil como o "Império Escravocrata". Esquecem eles que no Paraguai a escravidão também vigorava. Que nos Estados Unidos da América do Norte ela só teve fim com a Guerra da Secessão, que de pouco antecedeu a da Trílice Aliança. Que num regime monárquico a escravidão consentida é menos escandalosa que num país republicano. O próprio Estado paraguaio era proprietário de grande número deles, dos quais dispunha a seu arbítrio, empregando-os em obras públicas, nas propriedades rurais e vendendo-os a particulares.

Existe um documento, firmado por López, referente à venda de escravos do Estado Paraguai, em que ordena à Coletoria Geral o recebimento de duzentos pesos pela venda de uma escrava e de uma filha menor desta e de oitenta pesos por uma liberta, compradas pelo ditador.

Segundo Mário Barretto, autor de "A Campanha López-guaya", o número de escravos naquele país em 1866 era de quarenta mil. Consideradas as populações de ambos os países e o número de escravos de cada qual, vê-se que a proporção era a mesma. Quanto a terem-se escravizado paraguaios aprisionados no cerco de Uruguaiana e tê-los compelido a lutar ao lado dos aliados, integrando as "Legiões Paraguaias", o fato de haverem recebido soldo do Império é eloquente desmentido. Não há dúvidas quanto a integração existente entre os oficiais paraguaios e os brasileiros, mostrando que aqueles não pareciam estar ali obrigados.

**O SAQUE** - A requisição de recursos locais, em países ocupados, é prática que remonta à Antiguidade. Gengis Khan e, mais recentemente, Napoleão a utilizaram intensamente em suas campanhas. Os paraguaios também o fizeram ao invadir o Mato Grosso e o Rio Grande do Sul; e, posteriormente, ao retrair-se para o Paraguai, levaram consigo grande parte do rebanho de Corrientes e Entre Rios. Acusar os comandantes aliados de roubo, por também o praticarem, demonstra parcialidade de julgamento e desconhecimento da tradição militar.

**OS CHEFES** - Criticam os autores revisionistas a capacidade militar de generais brasileiros do porte de Caxias e de Osório. Na batalha de Tuiuti, a mais cruenta da América do Sul, Osório é criticado pelo imobilismo das forças aliadas. Na verdade, as forças paraguaias, devido a um erro tático de López, tentaram preceder um eventual ataque aliado. O terreno ocupado por López, todavia, era mais adequado à defesa e, nessa circunstância, melhor teria sido mantê-lo. No entanto, a conduta dos aliados, ao serem atacados, não mereceu qualquer reparo, uma vez que souberam aproveitar-se de um bem articulado dispositivo de defesa móvel para destruir o inimigo com vigorosos contra-ataques no interior dos bolsões de penetração. Luziram os gênios militares de Osório, Sampaio e Mallet, principalmente o primeiro que, conduzindo os contra-ataques de destruição, em diversas partes da frente, viu cair sobre si o manto da glória. Caxias, por sua vez, não teve seus méritos reconhecidos na vitória de Humaitá e nem viu ser mencionada a "Manobra de Piquiciri" ou "Dezembrada", que o consagrou entre os grandes capitães da História. Sobre ela, disse muito bem o Gen Tasso Fragoso, ter "o sinete característico das concepções napoleônicas, que prevê e provê, aliando a audácia à segurança, nada deixando à improvisação".

Publicam, ainda, uma série de "despachos privados" que teriam sido escritos por Caxias, durante a guerra, para o Imperador. Observe-se que as referidas cartas estavam redigidas em Espanhol e continham referências desairosas ao Império e a seus soldados, bem como elogios aos Paraguaio. Parece óbvio que Caxias não escreveria cartas em Espanhol. Sabe-se hoje que elas foram escritas pelos próprios paraguaios, e publicadas em órgãos de sua imprensa de guerra, com claros objetivos psicológicos. Essa confirmação foi obtida pelo Cel Francisco Ruas Santos, ilustre historiador militar, após minuciosas pesquisas, divulgadas a oficiais instrutores de História Militar da Academia Militar das Agulhas Negras.

**O SADISMO** - As acusações ao Império prosseguem. O Conde D'Eu é tachado de vilão e sádico por ter combatido e vencido os paraguaios na Batalha de Campo Grande, Acosta Ñu para eles, quando morreram duzentos brasileiros e dois mil paraguaios, sendo que destes a maioria era composta de jovens menores de idade. Cabe perguntar se haveria outra conduta para um exército em combate, ao defrontar-se com o inimigo armado que lhe opõe resistência e não aceita render-se.

A História registra fatos que permitem comparação.

A famosa operação "Market-Garden", realizada na Holanda pelos aliados na II GM e da qual participaram milhares de pára-quedistas e soldados aerotransportados, foi um fracasso. E foram batidos porque os alemães estavam fortes e ardorosos. Entre os germânicos havia milhares de meninos e adolescentes pertencentes à Juventude Hitlerista que, de igual para igual, lutavam e infligiam baixas aos aliados, contribuindo para o êxito nazista.

Na frente italiana, onde combateram os brasileiros, igual mente havia adolescentes integrando a 148ª Divisão de Infantaria Alemã, os quais se portaram com rara bravura, segundo depoimentos dos soldados da FEB. Caberia então questionar-se: eram os combatentes da FEB sádicos e vilões? Seria crime lutar contra aqueles que defendiam o nazismo e pretendiam impô-lo ao mundo? Ao se defrontar com os jovens deveriam os aliados desistir do cumprimento da missão?

Evidente que não. Sádico e vilão foi Hitler, pois, mesmo sabendo que a guerra estava perdida, resolveu ir até o fim, fazendo como López, setenta anos antes, ao mandar para a frente de batalha os jovens e anciãos, já que os homens válidos haviam sido mortos, feridos ou capturados.

**OS CRIMES** - É difícil medir-se a violência necessária para derrotar o inimigo e vencer a guerra. E pretender-se havê-la mantido nos justos limites é ingênuo e tolo. Não obstante, é obrigação do chefe reprimir abusos que o código moral inscrito em sua consciência porventura denuncie, e desonroso seria promovê-los deliberadamente. Parece, contudo, que o tirano paraguaio não pensava assim. Eis alguns exemplos:

Na Retirada de Laguna, em 1867, no Mato Grosso, cento e trinta soldados brasileiros, atacados pela terrível "Cholera Morbus" foram deixados em uma clareira aberta na mata, sob a proteção de simples cartaz pregado num tronco de árvore: "Compaixão para com os coléricos!" Todos, com exceção de um, que conseguiu esconder-se, foram cruelmente trucidados a bala e a lanças pelas tropas paraguaias comandadas pelo major Martim Urbietá, num dos mais torpes crimes de guerra de que se tem notícia. Não bastassem as baixas de combate, López ainda matava comandantes e alguns soldados que eram vencidos pelos aliados.

**MORTE POR ESTAQUEAMENTO** - Assim ocorreu após a vitória brasileira em Curuzú, onde fez sortear entre os remanescentes, quais seriam sacrificados, a título de exemplo. Tal procedimento seria repetido com o General Robles, comandante da invasão de Corrientes, por "incompetência militar". Na realidade a sentença foi decretada por ter chegado aos ouvidos de López que Robles menosprezara certa condecoração a ele conferida e que, além disso, se correspondia com chefes correntinos.

Outra vítima do ditador foi o Coronel Martínez, comandante das forças de Humaitá, que após duas semanas de combate e grande número de mortos, decidiu render-se. López chama a esposa do oficial, arranca-lhe as vestes perante a soldadesca e a sevizia e flagela. Igual sorte tiveram o Capitão **Meza** e sua mulher pelo fracasso de sua tentativa em destruir a Esquadra brasileira, em Riachuelo.

Solano López não parou por aí. Suspeitando que havia uma conspiração para derrubá-lo do poder, condenou centenas de compatriotas ao suplício e à morte, entre os quais o seu inofensivo Vice-Presidente da República, Dom Sanchez; o ministro das Relações Exteriores, José Berges; o General Bruguez, comandante da sua Artilharia; juristas; políticos; sacerdotes e o que o Paraguai possuía de mais ilustre. Esse episódio ficou conhecido como o "Massacre de San Fernando". Poderiam ser mencionados ainda outros suplícios sofridos pelos paraguaios, a mando do tirano, como o da bela Pancha Garmêndia, considerada a mulher mais bonita do país e por ele, em vão, cortejada.

É dispensável continuar citando crimes de um homem que manteve a própria mãe, D. Juana López Carrillo, encarcerada e tratada como prisioneira, durante grande parte da guerra.

O Paraguai foi dizimado. Houve um genocídio. Os fatos e a História, no entanto, indicam o maior responsável.

### **O EXÉRCITO E A VERDADE**

*"O Exército tem igualmente uma função educativa a exercer na massa geral dos cidadãos".*

*Mário Clementino – Jovens Turcos*

**A INSTITUIÇÃO** - Um questionamento oportuno é saber a razão pela qual subvertem a História do Brasil e a Sociedade não se opõe. E se, diante dessa omissão, caberia ao Exército algum papel com o objetivo de esclarecer a Nação e repudiar tal atitude. A participação do Exército na vida do Brasil remonta ao século de seu descobrimento, estando presente em todos os momentos nacionais decisivos. Sua presença se fez sentir nas lutas contra os franceses, ingleses e, principalmente, na expulsão definitiva dos holandeses, em 1654, a qual foi imposta nas duas Batalhas dos Guararapes,

onde surgiu o embrião do Exército Brasileiro. No Primeiro Reinado e na Regência, contribuiu, de modo marcante, para manter a integridade nacional e, no final da Monarquia, foi o elemento catalisador da Proclamação da República. No período republicano, esteve presente no Movimento Tenentista de 1922, na Revolução de 1930, na Intentona Comunista de 1935, na deposição de Getúlio Vargas, em 1945, e na Revolução de 1964, entre outros.

A síntese histórica visa clarear a memória e estimular a reflexão: haveria outra instituição com maior presença e influência na formação da nacionalidade?

Houve épocas, todavia, em que o Exército viu ser questionada essa influência, como no final da Monarquia, ocasião em que esteve relegado ao abandono após a campanha vitoriosa da Tríplice Aliança. Tal despreço iria provocar a simpatia da oficialidade pelos ideais republicanos.

Duas correntes antagônicas chegaram ao poder na República: os "Profissionais" e os "Científicos", com o predomínio destes. Os "Científicos" eram, na sua maioria, alunos da Escola Militar da Praia Vermelha discípulos de Benjamim Constant e do Positivismo, os quais defendiam uma formação dos oficiais excessivamente teórica e bacharelesca, faltando-lhes a instrução militar adequada. Não se preocupavam em estar bem uniformizados e desprezavam os ex-combatentes da Campanha do Paraguai.

Paradoxalmente, a crítica à atuação do Exército partia, então, de dentro da própria instituição. Propunha-se a devolução dos troféus de guerra conquistados com sangue e vida de muitos brasileiros. É dessa época o início do descaso pelas tradições no Brasil. Não havia preocupação com a instrução militar no Exército, apenas com as ciências humanas e exatas. A oficialidade preferia ser tratada pelo título de "Doutor" a ser chamada pelo posto correspondente.

A Campanha de Canudos (1896/97), no sertão da Bahia, revelou, entretanto, graves deficiências na instrução e no comportamento da tropa em combate.

Surgiu, então, o surto renovador, que teve na insigne figura do Mal Hermes da Fonseca o seu principal impulsionador. A instrução militar voltou a ter predomínio, aboliu-se o título de "Doutor" e foi adotado o de "Aspirante".

Um grupo de jovens oficiais fundou em 1913 uma revista militar - A Defesa Nacional - muito importante na evolução do pensamento militar brasileiro. Os "Jovens Turcos", como eram chamados, defendiam a renovação técnica e tática do Exército, bem como um maior respeito aos heróis nacionais e a retomada do culto às tradições.

Foi dado um grande impulso à Biblioteca e ao Arquivo do Exército, o que demonstrou uma preocupação com a memória militar.

Após a Revolução de 1964, o governo determinou que o Ministério da Educação e Cultura incluísse nos seus currículos escolares a matéria Educação Moral e Cívica. Isso visava uniformizar e evitar distorções dos fatos ocorridos no passado brasileiro. A falta de controle dos estabelecimentos de ensino, por parte do MEC, ocasionou a progressiva redução até a eliminação da matéria dos currículos escolares.

A História do Brasil, por sua vez, passou a ser ministrada com base em publicações que veiculavam a visão materialista e revisionista do passado nacional, sem que houvesse qualquer interferência governamental.

**AS PROVIDÊNCIAS** – Chega-se, assim, aos dias de hoje e ao escopo deste capítulo – o Exército e a Verdade. Dentro da atual conjuntura, torna-se mister adotar providências com o firme propósito de resgatar a imagem da Instituição, desgastada perante uma parcela da Sociedade, desgaste maior ainda em função do efeito multiplicador do ensino.

O Exército não deve mais tolerar que indivíduos, leigos na arte da guerra, insultem seus maiores símbolos. Mesmo porque os cadetes de hoje sofreram essa mesma influência nociva durante seus cursos secundários e, segundo opinião de instrutores de História Militar da AMAN, contestam a veracidade de fatos da Guerra da Tríplice Aliança que lhes são ensinados. É necessária a apresentação de provas documentais para que admitam retificar o conhecimento.

Quando fatos como os acima narrados acontecem com o que há de melhor em termos de idealismo na Força Terrestre, impõe-se a reversão do quadro.

Propõem-se, a seguir, algumas medidas julgadas capazes de consegui-lo:

#### Incremento do ensino de História Militar nas escolas do Exército

Atuar nos Colégios Militares e na Escola Preparatória de Cadetes, os quais abrangem um amplo universo, pois, além daqueles que ingressam na carreira das armas, têm como alunos uma grande massa que retorna à vida civil. Dedicar especial atenção à Academia Militar das Agulhas Negras, cuja missão se mostra mais relevante para a formação e consolidação cultural daqueles que, a médio e longo prazo, serão os arautos, no Exército ou fora dele, dos conhecimentos ali adquiridos.

É, portanto, fundamental que os cadetes tenham instrutores e professores da maior capacidade e que a Secção de Ensino de História Militar seja composta por oficiais do Quadro de Estado-Maior da Ativa, como anteriormente. Dessa maneira, conseguir-se-á aliar a formação do estrategista/tático à do líder cívico. Além disso, o cadete terá diante de si um oficial dois níveis acima e, conseqüentemente, com maior conhecimento, flexibilidade e poder de argumentação.

Faz-se mister, ainda na AMAN, um acréscimo de horas que seria destinado à exploração de casos históricos do Exército Brasileiro e seu detalhamento a nível subunidade e pelotão, escalões estudados pelo cadete.

Retomar, na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais o estudo da História, direcionando-o para a atuação das unidades brasileiras em episódios históricos, em conexão com o estudo da Tática Militar. Os instrutores seriam os oficiais do QEMA da Seção de Coordenação Doutrinária das Armas e Serviços.

Atuar na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, visando desenvolver aptidões para o ensino da História Militar no âmbito da Força, ou sua conveniente divulgação externamente, em coordenação com outros órgãos do governo.

Incluir nos currículos dos Centros/Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva, da Escola de Sargentos das Armas e dos Cursos de Formação de Sargentos Temporários o ensino de História Militar, abordando a Instituição como um todo, sem prejuízo da apreciação de casos particulares nos diversos escalões e em conexão com o estudo da Tática elementar .

#### Aumento do nível de conscientização da tropa

Introduzir nos programas-padrão das fases básica e de qualificação, dentro da matéria Moral e Cívica, aspectos relevantes da História do Exército, cabendo a cada OM inserir seu passado no contexto da Instituição.

#### Estímulo à participação do público interno

Incentivar os integrantes da Força Terrestre à participação em concursos literários, premiando os vencedores de maneira condigna e desenvolvendo o gosto pela leitura e pesquisa da História Militar do Brasil.

#### Centralização da divulgação

Reunir no Centro de Comunicação Social do Exército (CCComSEx) os órgãos e encargos de divulgação a respeito da cultura e das tradições da Força, destacando em âmbito nacional as comemorações das batalhas da Campanha do Paraguai, Intentona Comunista, da participação da FEB na II GM e da Revolução de 1964.

#### Reestruturação organizacional

Retirar o Arquivo e o Museu do Exército da subordinação à Diretoria de Assuntos Culturais, Educação Física e Desportos e criar um órgão diretamente subordinado ao Ministro, congregando a estrutura cultural do Exército. Seria integrado pelo Arquivo, Centro de Documentação, Museu, Imprensa, Secção Cine-fotográfica e Centro de Identificação. Cabe destacar que o Arquivo tem o pensamento militar brasileiro por acervo, daí sua relevância. E é conveniente lembrar que a Imprensa submeter-se-ia ao CComSEx, remetendo o seu material para a divulgação.

#### Construção de museus

Implantar museus do Exército em locais históricos e estratégicos como Dourados, Uruguaiana, velhos fortes, capitais e fronteiras. O museu não deve limitar-se a expor os vestígios do passado, mas colocar junto a estes a narrativa de seu significado na época, permitindo ao visitante realizar uma associação com os dias atuais, avaliando a relevância das ações realizadas com a utilização do material exposto.

#### Revisão curricular

Ligar-se com o Ministério da Educação visando assessorá-lo sobre a correta interpretação a ser dada aos fatos que tiveram a participação do Exército como a Campanha do Paraguai. Posteriormente, cobrar a revisão e fiscalização dos currículos, a nível nacional, bem como das publicações recomendadas aos alunos, mostrando que o revisionismo histórico marxista, antes de atingir o Exército, atinge o Brasil.

As idéias propostas acima permitiriam resgatar a História do Brasil e do Exército, bem como contribuiriam para o surgimento de um movimento cultural radicalmente contrário ao revisionismo internacionalista, que ora campeia no país.

### **CONCLUSÃO**

Tratou-se aqui de rechaçar injustas críticas à conduta dos heróicos antepassados participantes da Guerra da Tríplice Aliança. Tentou-se perquirir os motivos determinantes de tão abjeta traição, perpetrada por autores brasileiros. Destacou-se a evidente motivação ideológica dos traidores. Considerou-se a validade de aspectos éticos e históricos, universalmente consagrados, na apreciação isenta do passado nacional. Demonstrou-se o facciosismo dos pretensos críticos, ao distorcerem a realidade para enquadrá-la na visão materialista da História, valendo-se da ideologia como argumento e dos dogmas como provas. Sugeriu-se, finalmente, a política a ser adotada na conjuntura e a médio prazo, para contrapor-se à intriga socialista, redimindo a memória dos grandes vultos nacionais. Após a síntese dos principais tópicos abordados neste trabalho, discorrer-se-á sobre seus aspectos mais relevantes. A doutrinação marxista volta-se, sobretudo, para a Juventude pouco afeita ao estudo da História, passando nas escolas, da didática para a mistificação, a qual será tanto mais completa, quanto mais compulsório for o doutrinamento. É notório que as ideologias perseguem o processo de conhecimento e as formas de saber, correndo-se o risco de encontrá-las inseridas em ambos. O papel da consciência crítica será questionar e duvidar, prevenindo-se contra os ardis das ideologias. Como no Brasil os historiadores marxistas exercem um domínio absoluto sobre os demais, impõe-se a urgente organização de movimento cultural capaz de opor-se a eles. O abandono a que foi relegada a história do Brasil abriu espaço para o surgimento do revisionismo marxista. O Paraguai, não obstante a derrota que sofreu, prestigia o culto ao passado, como atestam os monumentos que erigiu nos locais dos confrontos, as relíquias que recolheu com carinho aos museus nacionais, a reverência e a devoção com que rememora acontecimentos marcantes que transformou em glória e o interesse que consagra ao estudo da história, estendido à dos países com que se defrontou em cruentas guerras.

No caso brasileiro, exibem até maior cabedal que seus vizinhos, enaltecendo os heróis por eles esquecidos, como, entre outros, o Brigadeiro João Manuel Menna Barreto, morto em combate no assalto a Peribequí, que homenageiam com belo poema apostado em quadro exibido no museu daquela localidade, enquanto no Brasil transcorreu em silêncio o centenário de sua morte a 12Ago1969.

A mesma preocupação com a História tem os argentinos, os venezuelanos, os colombianos, os franceses, os coreanos e tantos outros povos. Oficiais dessas nações amigas, cursando a ECEME, dão notícia da prioridade concedida em seus países ao culto das tradições nacionais, concretizada no estímulo ao estudo da História Militar nas escolas militares de níveis correspondentes aos de formação, aperfeiçoamento e altos estudos.

Que razão move um país vitorioso em uma guerra a menoscar seus heróis, enquanto o derrotado reverencia os seus? Pretenderão os apologistas de López substituir no Brasil os monumentos a Caxias, por estátuas do tirano paraguaio? E, posteriormente, erguer outras de Lenine, Trotsky e Marx?

Em uma campanha presidencial, o candidato do Partido dos Trabalhadores deixou patente o propósito de, se eleito, promover a revisão da História do Brasil.

Vê-se agora outra tentativa de conspirar o passado brasileiro, em filme de repercussão internacional que busca denegrir a atuação da Força Expedicionária Brasileira, na II GM, já unanimemente elogiada por credenciados autores europeus e americanos.

Repete-se a forma solerte de agir para atingir seus objetivos iconoclastas.

Urge revidar à infâmia e à traição marxista com a maior energia e a mais inflexível determinação, mobilizando, em uma campanha cívica sem precedentes, as Forças Armadas, as lideranças do Magistério Público e da Sociedade civil, sob a coordenação do Exército. Não deve a instituição submeter-se à influência nociva e derrotista das correntes bacharelescas que ainda insistem em sua ladainha.

É intolerável que pseudo-historiadores, fanatizados por ideologias alienadoras do pensamento, encontrem respaldo num país que repudia o totalitarismo e ama a liberdade.

Fernando Luiz Menna Barreto, Major Inf (1990)

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel  
2° Vice-presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS  
lecaminha@gmail.com